

A BATALHA DE LEYTE Por Reinaldo V. Theodoro



Representação artística do desembarque em Leyte.

Sempre que se fala em “Batalha de Leyte”, aos iniciados no assunto surge logo a lembrança da grande batalha aeronaval que praticamente destruiu o que restava da Marinha japonesa e selou de uma vez por todas a supremacia aeronaval americana na Guerra do Pacífico. Contudo, essa batalha só ocorreu devido à invasão de Leyte pelos americanos, mas muito pouco se fala da luta terrestre por essa ilha. Guadalcanal, Tarawa e Iwo Jima, por exemplo, são muito mais famosas. No entanto, participaram da Batalha de Leyte um Exército americano composto por dois Corpos-de-Exército e sete divisões enfrentando o equivalente a quatro divisões japonesas. Ou seja, em Leyte foram empenhadas mais tropas terrestres, de ambos os lados, do que nas três batalhas mencionadas acima. Além disso, foi uma campanha longa, de mais de dois meses, num terreno acidentado e montanhoso, apropriado à defesa, e sob condições climáticas verdadeiramente miseráveis. Mas, acima de tudo, a invasão e libertação de Leyte representaram o retorno do General Douglas MacArthur às Filipinas. Para o povo filipino e, numa maior extensão, para todos os povos sob o jugo japonês, o desembarque americano em Leyte representou a certeza de que a vitória seria dos aliados e que o terrível domínio nipônico estava com os dias contados.

Antecedentes:

No verão de 1944, as forças americanas haviam percorrido dois caminhos até atingir um ponto a 480 quilômetros a Sudeste das ilhas Filipinas: na área do Pacífico Central, o Almirante Chester W. Nimitz, comandante da Esquadra do Pacífico, havia saltado de ilha em ilha através das Gilberts, Marshalls e Carolinas; e, mais ao Sul, o General Douglas MacArthur, comandante da área do Pacífico Sudoeste, havia detido o avanço nipônico sobre a Austrália e libertado as ilhas Salomão, a Nova Guiné e muitas das ilhas na região, isolando a importante base japonesa de Rabaul.

Essas vitórias haviam levado as forças aliadas para junto do perímetro defensivo do Império Japonês e, agora, eles penetraram essa linha ao conquistar as ilhas Marianas.

Meses antes das Marianas ficarem sob controle americano, a Junta de Chefes de Estado-Maior havia discutido sobre os objetivos seguintes. As primeiras discussões logo concluíram que a decisão seria entre as Filipinas e Formosa. Ambas ameaçariam fatalmente as linhas de comunicação japonesas entre as ilhas metropolitanas e as Índias Holandesas. Além disso, uma forte presença americana nas Filipinas iria infernizar as comunicações internas no arquipélago, onde estava a

maior concentração de forças japonesas fora do Japão e da China. Embora a posse de Formosa desse aos americanos um trampolim ideal para operações no território chinês, isso deixaria as forças aliadas expostas entre as grandes forças inimigas no Japão e nas Filipinas.

Além das óbvias motivações estratégicas, pesava também a questão do prestígio nacional, fortemente abalado com a perda das Filipinas em 1942 (“Lembrem-se de Bataan” tornou-se um slogan). Além disso, as Filipinas eram colônia americana e seria politicamente importante demonstrar o zelo americano pelas suas possessões.

Mas havia também uma questão pessoal envolvida: o General Douglas MacArthur, que havia saído das Filipinas em 1942 sob o juramento de voltar (“I shall return!”¹ também virou um slogan), sentia a necessidade de cumprir a palavra empenhada, o que seria um ponto de imenso prestígio nacional e pessoal. MacArthur advogava fortemente que os EUA tinham a obrigação moral de libertar os 16 milhões de cidadãos filipinos o mais rápido possível.



General Douglas MacArthur e seu inseparável cachimbo.

A 28/07/44, MacArthur e Nimitz conferenciaram com o Presidente Roosevelt em Pearl Harbor. O primeiro defendia o ataque às Filipinas, enquanto o outro advogava que elas fossem evitadas e que se atacasse diretamente Formosa. Embora MacArthur acabasse sendo mais convincente, foi apenas em setembro que a Junta de Chefes de Estado-Maior informou a MacArthur e Nimitz a decisão de invadir as Filipinas.

A 12/03/44, a Junta de Chefes de Estado-Maior havia dirigido a MacArthur um plano de invasão a Mindanao, a mais meridional das ilhas do arquipélago filipino, começando a 15/11/44. Em junho,

o general apresentou um plano para atacar Mindanao a 25/10/44 e Leyte três semanas depois. Luzon, a maior ilha do arquipélago, onde se situa a capital Manila e o Quartel-General japonês, deveria ser eventualmente capturada para garantir a posse das Filipinas.

Em junho de 1944, a ULTRA² revelou que Tóquio havia decidido reforçar consideravelmente as defesas das Filipinas na esperança de bloquear o avanço americano em direção ao Japão. Assim sendo, para os aliados, quanto mais cedo se realizasse a invasão, melhor. Mas a escassez de veículos anfíbios, navios de apoio de fogo e de unidades aéreas tornou-se um sério obstáculo para acelerar as operações. A 08/09/44, a Junta de Chefes de Estado-Maior não pôde mais esperar e estabeleceu a data de 20/12/44 para a invasão de Leyte.

Porém, durante as operações nas ilhas Palaus e Morotai, a 3ª Esquadra realizou ataques aéreos contra Mindanao e ilhas adjacentes. Esses ataques continuaram ao longo do mês de outubro, com incursões contra aeródromos em Okinawa, Formosa e Luzon, bem como contra a navegação inimiga na região. Estimou-se que os japoneses haviam perdido mais de 500 aviões nas Filipinas e igual número em outros lugares, além de 180 navios mercantes. Tais resultados convenceram os planejadores americanos de que não havia mais necessidade de realizar as operações preliminares previstas. A proposta foi apresentada na Conferência “Octagon” (11-16/09/44) e concordou-se com o cancelamento das operações em Mindanao e nas ilhas Talauds e a invasão de Leyte foi antecipada para 20/10/44.

Para os japoneses, em meados de 1944, era óbvio que o próximo passo dos americanos seria atacar o arquipélago das Filipinas. E era absolutamente vital para eles mantê-lo sob o seu controle: além de importante fonte de suprimentos (principalmente borracha), as Filipinas ficavam no caminho para as Índias Orientais Holandesas, de onde os japoneses tiravam o petróleo para mover a sua máquina de guerra. Enviaram então numerosos reforços e, apesar de muitos transportes terem sido afundados pelos submarinos americanos, havia mais de 400.000 japoneses nas Filipinas por volta de outubro de 1944.

Durante setembro e outubro de 1944, o Quartel-General Imperial Japonês havia recebido informações completamente disparatadas a respeito dos resultados das recentes batalhas aéreas. Com seus inexperientes pilotos exagerando flagrantemente os seus informes, concluíram que os americanos haviam perdido 1.200 aviões e 11 porta-aviões. Isso levou os planejadores japoneses a ficarem otimistas e determinaram que, diante de tais perdas, os americanos poderiam ser

¹ Literalmente, “Eu irei retornar!”

² Interceptação de mensagens de rádio japonesas.

desafiados a travar uma batalha decisiva em qualquer lugar em que porventura desembarcassem, desde que o Japão fosse capaz de concentrar seus recursos a tempo.

O Plano *Sho-1*³, elaborado para a eventualidade de uma invasão americana das Filipinas, preconizava que todas as forças navais e aéreas iriam engajar os invasores americanos em uma batalha decisiva antes que eles pudessem estabelecer firmemente uma cabeça-de-praia.

Para os planejadores americanos, por outro lado, Leyte era considerada apenas como um mero degrau rumo à batalha decisiva que seria travada em Luzon.

Estava assim armado o palco para a segunda batalha mais sangrenta da Guerra do Pacífico, superada apenas por Okinawa.

A Ilha:

A 8ª maior ilha do arquipélago das Filipinas, com 7.210 km², Leyte se estende por 177 quilômetros de Norte a Sul e sua largura varia entre 24 e 80 quilômetros. O interior da ilha é dominado por uma cordilheira densamente arborizada que corre de Norte a Sul, separando os dois grandes vales ou planícies costeiras. O maior dos dois, o vale de Leyte, se estende da costa Norte e ao longo da costa oriental, contendo a maioria das cidades e estradas da ilha. As rodovias e suas variantes ofereciam bons eixos de avanço para um exército motorizado como o americano, embora não fossem adequadas ao transporte militar pesado.

O outro vale, de Ormoc, fica no lado Oeste da ilha. A porção meridional de Leyte, ao Sul de Abuyog e Baybay, é muito montanhosa e esparsamente habitada, sendo militarmente sem importância. A sua costa Noroeste também é montanhosa e, excetuando o pequeno porto de Palompon, tem pouco valor estratégico. Os picos das montanhas chegavam a 1.340 metros e, como as ravinas, cavernas e outros acidentes de terreno típicos das ilhas vulcânicas, ofereciam formidáveis posições aos defensores.

Embora a costa da ilha apresentasse ótimos pontos para desembarcar, uma vez em terra o soldado invasor enfrentaria um terreno dos mais abomináveis, com pântanos, culturas de arroz, incontáveis cursos d'água e um terreno fofo e mal drenado, propício a se transformar num mar de lama com a chuva. E as circunstâncias iriam forçar os combatentes a lutar em plena monção, o período de chuvas intensas e tufões.

Por outro lado, a população de mais de 900.000 pessoas, na maioria agricultores e pescadores, apoiariam indubitavelmente os libertadores americanos. Além de suportarem a terrível ocupação nipônica havia mais de dois anos, eles ofereciam

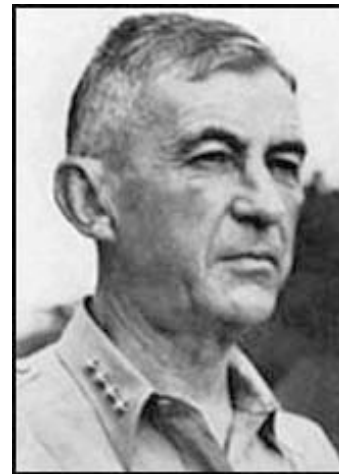
apoio aos movimentos guerrilheiros locais, a despeito das bárbaras retaliações japonesas.

Preparativos:

Para a invasão de Leyte, os americanos haviam organizado a maior operação anfíbia até então realizada no Teatro do Pacífico. MacArthur havia sido designado como comandante supremo das forças de terra, mar e ar envolvidas nela.

As forças navais aliadas consistiam da 7ª Esquadra, comandada pelo Vice-Almirante Thomas C. Kinkaid. Com 701 unidades, incluindo 157 navios de guerra, a frota de Kinkaid (conhecida como "a Marinha de MacArthur") transportaria, desembarcaria, abasteceria e daria apoio aéreo à força de desembarque. Além disso, havia a 3ª Esquadra do Almirante William "Bull" Halsey, cujos grandes porta-aviões dariam apoio à distância. Contudo, essa força permanecia sob o comando de Nimitz.

O 6º Exército, comandado pelo Tenente-General Walter Krueger, consistia de dois Corpos-de-Exército de duas divisões cada. O 10º Corpo, do Major-General Franklin C. Sibert, era formado pela 1ª Divisão de Cavalaria e pela 24ª de Infantaria (menos um regimento). Já o 24º Corpo, do Major-General John R. Hodge, contava com as 7ª e 96ª Divisões de Infantaria. Em reserva, estavam ainda as 32ª e 77ª Divisões de Infantaria. Ao todo, Krueger tinha sob o seu comando 202.500 soldados.



Tenente-General Walter Krueger, comandante do 6º Exército americano. Ironicamente, Krueger era alemão de nascença, tendo ido para os EUA com 8 anos de idade.

O apoio aéreo para as operações terrestres em Leyte seria providenciado pelos porta-aviões da 7ª Esquadra até que pudesse ser assumido pela 5ª Força Aérea, comandada pelo Tenente-General George C. Kenney. Isso, obviamente, só seria possível quando pudessem ser operadas as bases aéreas da própria ilha e duas delas, em Tacloban e Dulag, eram objetivos prioritários des-

³ SHO ICHI GO = "Operação Vitória 1".

de o início da operação.

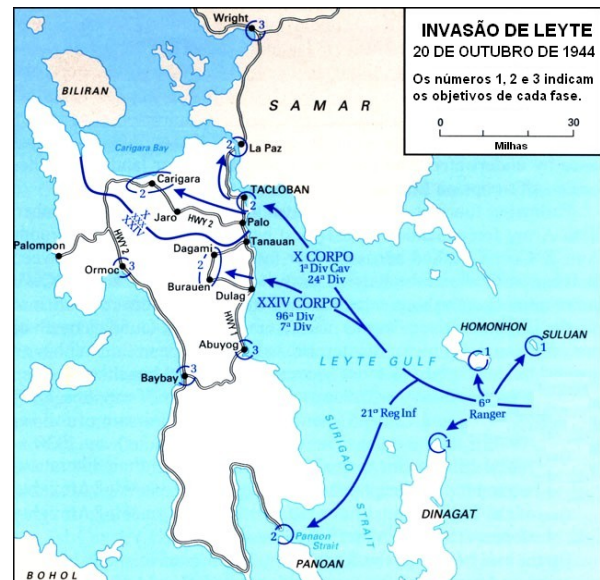
Em Leyte havia um grande e organizado movimento nativo de guerrilha, então chamado de "92ª Divisão". Embora então se limitasse a ações de sabotagem e emboscadas, com a invasão ele passou a apoiar abertamente as forças americanas. Obviamente, comparadas às forças americanas (e mesmo japonesas), as forças guerrilheiras filipinas eram mal equipadas e numericamente insignificantes, mas prestaram valiosíssimos serviços como guias e para patrulhamento.

No outro lado do ringue, o 14º Exército de Área era responsável pela defesa das ilhas filipinas. Seu comandante era o General Tomoyuki Yamashita, o conquistador da Malásia. A defesa de Mindanao e das Visayas (ilhas centrais das Filipinas, que incluíam Leyte) competia ao 35º Exército, comandado pelo Tenente-General Sosaku Suzuki. Por sua vez, a defesa da ilha de Leyte foi entregue aos cuidados do Tenente-General Shiro Makino e à sua 16ª Divisão de Infantaria, que dois anos antes havia participado da conquista das Filipinas. Ao todo, a defesa de Leyte contava com pouco mais de 20.000 homens.

A 16ª Divisão era formada por três regimentos (9º, 20º e 33º). Embora fosse uma divisão veterana, apenas recentemente o seu 33º Regimento havia chegado à ilha, com treinamento incompleto e sem conhecer o terreno em que iria lutar.

O 4º Exército Aéreo, do General Kyoji Tominaga, tinha somente cerca de 150 aviões operacionais de todos os tipos nas Filipinas por ocasião do desembarque em Leyte, embora os japoneses tivessem ainda cerca de 300 aviões em Formosa e cerca de 100 aviões embarcados em porta-aviões. Caracteristicamente, o 4º Exército Aéreo não estava subordinado a Yamashita, mas ao Comandante do Exército Sul, o Marechal Conde Hisaichi Terauchi, cujo QG também ficava em Manila. Apesar da proximidade física entre esses comandos, a coordenação entre eles era medíocre e, freqüentemente, conflitante. Além disso, Yamashita havia recentemente trazido gente sua para o Estado-Maior do 14º Exército de Área, o que também não contribuía para a eficiência das armas japonesas. Quando o recém-chegado Chefe do Estado-Maior, Tenente-General Akira Muto, foi informado dos desembarques americanos em Leyte, ele respondeu: "Muito interessante, mas onde fica Leyte?"

Para piorar as coisas, os comandos do Exército não tinham qualquer autoridade sobre tropas da Marinha, mesmo quando elas estavam envolvidas em combates em terra. Esse aspecto obtuso da organização militar japonesa levou a um sem número de ações equivocadas e até trágicas, como no caso de Manila, que foi declarada cidade aberta pelo Exército, mas foi defendida até o último homem (e, portanto, destruída) por tropas navais.



A invasão de Leyte e as diferentes fases previstas para a campanha.

Preliminares:

A invasão de Leyte seria realizada em três fases: a primeira começou a 17/10/44, 3 dias antes dos desembarques principais. O 6º Batalhão de Rangers ocuparia três pequenas ilhas a cerca de 80 quilômetros da costa Leste do Golfo de Leyte.

A segunda fase começaria no dia 20/10/44, batizado de "Dia-A". Os 10º e 24º Corpos desembarcariam na costa Leste de Leyte, o primeiro tendo como objetivo Tacloban e seu aeródromo e o segundo atingiria Dulag. Posteriormente, o 10º Corpo teria que assegurar o estreito entre Leyte e Samar e a parte Norte da ilha, através do vale de Leyte. O 24º Corpo, por sua vez, teria que assegurar a porção Sul da frente de invasão. Enquanto isso, o 21º Grupo Regimental de Combate (formado em torno do 21º Regimento de Infantaria, parte da 24ª Divisão) desembarcaria próximo ao estreito entre Leyte e Panaon, a 112 quilômetros ao Sul das praias principais de desembarque. Na terceira fase, os dois corpos tomariam rotas independentes através das montanhas para atingir o vale de Ormoc (também conhecido como "Corredor de Ormoc") e a costa Oeste da ilha.

As operações preliminares para a invasão de Leyte começaram na aurora de 17/10/44, com operações de caça-minas e o transporte do 6º Batalhão de Rangers para as três pequenas ilhas. Embora atrasados por uma tempestade, os Rangers desembarcaram por volta das 12:30 h em Suluan e Dinagat. Em Suluan, eles dispersaram um pequeno destacamento de japoneses e destruíram uma estação de rádio. Em Dinagat não encontraram inimigos. Em ambas, os Rangers instalaram luzes de navegação para os navios de transporte. No dia seguinte, os Rangers também ocuparam a terceira ilha, Homonhon, sem oposi-

ção. Enquanto isso, grupos de demolição subaquática realizavam o reconhecimento das praias de desembarque em Leyte.

Desembarque:

Após 4 horas de pesado bombardeio preliminar, os americanos desembarcaram na costa Leste de Leyte às 10:00 h de 20/10/44. As forças do 10º Corpo investiriam através do trecho de 6 quilômetros entre o aeródromo de Tacloban e o rio Palo. O 24º Corpo, 24 quilômetros ao Sul, desembarcou entre San José e o rio Daguitan. As tropas, em ambos os setores, tiveram mais dificuldades em superar o terreno pantanoso do que a oposição inimiga. Após uma hora do desembarque, as unidades já haviam assegurado uma profundidade da cabeça-de-praia suficiente para receber veículos pesados e grandes quantidades de suprimentos. Somente no setor da 24ª Divisão é que a reação inimiga foi significativa, mas, mesmo aqui, o setor estava seguro pelas 13:30 h.

Foi então que MacArthur decidiu ir à terra. Saindo da barcaça de desembarque com água pelos joelhos, ele vadeou até a praia e, debaixo de chuva, tomou um microfone para transmitir sua mensagem ao povo filipino e, por que não dizer, à História:

“Povo das Filipinas, eu retornei! Pela Graça de Deus Todo-Poderoso, nossas forças estão novamente em solo filipino – solo consagrado pelo sangue de nossos dois povos!”



MacArthur e membros de seu Estado-Maior desembarcam em Leyte. Promessa cumprida.

MacArthur havia vivido os últimos dois anos apenas para saborear este momento. Havia cumprido a sua promessa e, mais importante, havia conseguido fazer o seu país cumprir a dele. Contra todos os líderes que prefeririam evitar as Filipinas e seguir direto para o Japão, através de Formosa, ele havia triunfado e a História não pode deixar de lhe prestar o justo tributo.

Mas a libertação das Filipinas havia apenas começado. Os americanos teriam pela frente ainda dez meses de luta cara e difícil e Leyte seria apenas o primeiro degrau.

Avanço para o Interior:

Pelo fim do “Dia-A”, o 6º Exército havia penetrado até 3 quilômetros e havia assumido o controle do Estreito de Panaon e da extremidade Sul de Leyte. A 1ª Divisão de Cavalaria havia capturado o aeródromo de Tacloban e a 24ª Divisão havia tomado a Cota 522, o terreno elevado que dominava a cabeça-de-praia do 10º Corpo. A 96ª Divisão de Infantaria se aproximava de Colina Catmon, o ponto mais elevado em toda a área de invasão. A 7ª Divisão de Infantaria havia entrado na cidade de Dulag, forçando o General Makino a mover o posto de comando de sua divisão para Dagami. Os americanos pagaram por esses êxitos um preço relativamente baixo: 49 mortos, 192 feridos e 6 desaparecidos.



Homens da 1ª Divisão de Cavalaria avançam através de um pântano.

A 21/10/44, a 1ª Divisão de Cavalaria, do Major-General Verne D. Mudge, assegurou a capital provinciana de Tacloban e, dois dias depois, o General MacArthur presidiu ali uma cerimônia marcando a restauração do governo civil nas Filipinas.

Divisão da ativa, a 1ª de Cavalaria tinha a peculiaridade de ser organizada em duas brigadas de dois regimentos cada. Enquanto a 1ª Brigada de Cavalaria estabelecia posições de bloqueio a Oeste da cidade, a 2ª realizou travessias até a ilha de Samar e progrediu com equipes de tanque-infantaria ao longo da margem do Estreito de San Juanico, entre Leyte e Samar. A oposição foi tênue e os cavalarianos progrediram pelo Nordeste da ilha até fazer contato com a 24ª Divisão.

Na esquerda do 10º Corpo, a 24ª Divisão de Infantaria, comandada pelo Major-General Frederick A. Irving, encontrou oposição mais determinada. Na madrugada de 20-21/10/44, uma força de três companhias do 33º Regimento japonês contra-atacou as posições da Companhia “G” do 2º Batalhão do 34º Regimento. Pelas 2:00 h, todos os americanos nos postos avançados estavam mortos ou feridos. Apesar disso, o soldado Harold H. Moon, Jr., sozinho e ferido, manteve os japoneses afastados com sua submetralhadora durante quatro horas. Ao amanhecer, um pelotão

japonês fez uma carga contra ele, mas ele matou 18 inimigos e dispersou os demais. Ao perceber uma metralhadora sendo posicionada à sua direita, ele lançou uma granada contra ela, mas ela conseguiu disparar uma fração de segundo antes, matando-o imediatamente. Os japoneses então retomaram o seu avanço, mas então reforços haviam chegado e o ataque japonês foi desbaratado. Moon recebeu postumamente a Medalha de Honra do Congresso.

Originalmente chamada de “Divisão Havaiana”, a 24ª Divisão havia lutado ininterruptamente durante cinco dias e noites no seu esforço para expandir a cabeça-de-praia. Ela então rompeu a resistência inimiga a Oeste de Palo e progrediu cerca de 17 quilômetros pelo vale de Leyte, passando por Santa Fé, Pastrana e AlangAlang⁴. Enquanto isso, outros elementos da divisão avançaram para Tanauan e fizeram contato com tropas da 96ª Divisão a 25/10/44.

O avanço pelo vale de Leyte prosseguiu, com as forças americanas atingindo Jaro, importante base de suprimentos japonesa, a 30/10/44. A 01/11/44, a 24ª Divisão havia conseguido atravessar o vale de Leyte e tinha à sua vista a costa Norte e o importante porto de Carigara. No dia seguinte, enquanto o 34º Regimento protegia os acessos Sul e Oeste do porto, a 2ª Brigada de Cavalaria entrava na cidade. Porém, inesperadamente, os japoneses já a haviam abandonado.

A ligação entre a 1ª de Cavalaria e a 24ª de Infantaria em Carigara, a 02/11/44, encerrou brilhantemente a ofensiva do 10º Corpo pelo vale de Leyte. Com a queda de Carigara, estava encerrada a 2ª fase da operação de Leyte e agora apenas um porto permanecia em mãos japonesas – o de Ormoc, na costa Oeste.

O 24º Corpo tinha por missão conquistar a porção Sul do vale de Leyte, onde havia quatro aeródromos entre as cidades de Dulag e Burauen. Para tentar impedir isso, na noite de 22/10/44, o General Makino reorganizou o seu comando em dois grupos: “Força Norte”, que fazia frente ao avanço da 96ª Divisão, e “Força Sul”, que enfrentaria a 7ª. A primeira seria composta pelo grosso do 9º Regimento de Infantaria e parte do 22º de Artilharia. A outra seria composta pelo 20º Regimento de Infantaria (menos um batalhão), o 2º Batalhão do 33º Regimento de Infantaria, a 7ª Companhia Independente de Tanques (equipada com velhos Tanques Médios Tipo 89) e parte do 16º Regimento de Engenharia.

⁴ Houve um incidente curioso em relação a essa localidade: dois homens do G-3 da 24ª Divisão estavam procurando AlangAlang no mapa quando se ouviu o disparo de um franco-atirador japonês. Passado o susto, os homens voltaram ao trabalho e descobriram que a bala inimiga havia atravessado o mapa próximo a AlangAlang, como se o atirador japonês desejasse ajudá-los a encontrá-la.



Soldados da 7ª Divisão de Infantaria em ação em Leyte a 20/10/44. Embora tenha enfrentado pouca oposição no desembarque, ela suportou pesada reação japonesa ao se aproximar do aeródromo de Dulag.

Única divisão americana em Leyte que não havia antes entrado em combate, a 96ª, comandada pelo Major-General James L. Bradley, tinha por missão limpar o principal acidente geográfico da região: a Colina Catmon. De seus 426 metros de altura, os japoneses podiam observar toda a movimentação na praia e, assim, hostilizar as operações de descarga com sua artilharia. Mantendo os japoneses acuados na Colina Catmon com bombardeio de artilharia e dos canhões navais, as tropas de Bradley avançaram através dos pântanos ao Sul e Oeste do terreno elevado. A 28/10/44, o 382º Regimento tomou a base de suprimentos japonesa em Tabontabon, a 8 quilômetros no interior, após uma luta feroz que durou três dias. A luta custara aos japoneses cerca de 350 mortos, mas ainda não terminara. Dois batalhões (um do 381º Regimento e outro do 383º) subiram por encostas opostas da Colina Catmon e foram recebidos por violenta reação japonesa. Contudo, os nipônicos não puderam resistir à pesada preparação de artilharia e nem às equipes de tanque-infantaria. A 31/10/44, quando a conquista da Colina Catmon foi consumada, as tropas americanas haviam liquidado 53 casamatas, 17 cavernas e incontáveis posições abrigadas. No flanco Sul do 24º Corpo, a 7ª Divisão de Infantaria, comandada pelo Major-General Archibald V. Arnold, moveu-se para o interior visando conquistar os aeródromos e outras instalações.

Os infantas americanos lutaram em pântanos, com calor extremo, enfrentando os decididos japoneses apoiados por artilharia e tanques. O 184º Regimento de Infantaria atingiu a pista de pouso de Dulag a 21/10/44, enquanto o 32º limpava ambas as margens do rio Calbasag e o 17º de Infantaria avançava pela rodovia Dulag-Burauen. Em Burauen, tropas do 17º Regimento

acabaram superando a fanática resistência nipônica, em que alguns japoneses praticaram atos suicidas para tentar deter os tanques com cargas explosivas. Em dois dias, o 17º havia capturado Burauen, Bayug e o aeródromo de San Pablo e prosseguia para Dagami.

O avanço para Dagami foi repleto de atos de heroísmo. O 2º Batalhão do 17º Regimento estava na vanguarda e logo a sua Companhia "F" foi alvo de acurado fogo partindo de casamatas, trincheiras e abrigos individuais muito bem camuflados. Os americanos começaram a sofrer baixas pesadas. Então, o soldado Leonard C. Brostrom, que já havia sido baleado três vezes, avistou uma casamata inimiga e então fez uma carga, alcançando os fundos dela, e lançou granadas através de uma abertura. Então, seis soldados japoneses avançaram para ele de baioneta calada, mas Brostrom disparou contra eles. Um inimigo tombou e os demais recuaram, mas Brostrom foi novamente baleado e caiu. Apesar de enfraquecido pela perda de sangue e sofrendo dos ferimentos, ele levantou-se e novamente atacou a casamata. Quando ela ruiu, os soldados japoneses começaram a fugir, mas foram mortos pelos companheiros de Brostrom. Este veio a falecer enquanto era transportado para a retaguarda e recebeu postumamente a Medalha de Honra.

Na Companhia "G", a situação era igualmente difícil. Ao avançar, o soldado John F. Thorson viu-se sob fogo inimigo vindo de uma trincheira. Ele imediatamente a atacou com seu BAR, disparando do quadril. Ele acabou atingido e seriamente ferido. Quando o restante de seu pelotão chegou, uma granada inimiga caiu entre eles. Em um esforço supremo final, Thorson rolou sobre a granada e absorveu todo o impacto da explosão. Recebeu postumamente a Medalha de Honra⁵.

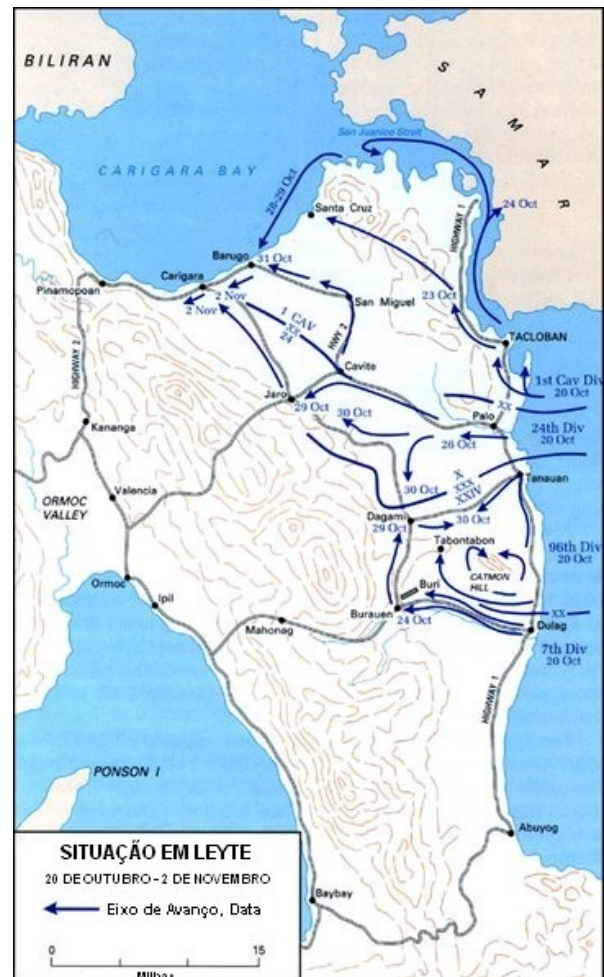
O 17º Regimento também se viu em luta confusa no cemitério de Dagami. Num dos combates, um pelotão, ao atravessar uma trilha, foi surpreendido quando uma lápide foi subitamente removida e, de dentro do túmulo, um grupo de quatro japoneses abriu fogo com diversas armas, incluindo um fuzil-metralhadora americano BAR. Foi preciso apelar para lança-chamas para eliminá-los.

No aeródromo de Buri, onde os japoneses possuíam casamatas bem camufladas, o 32º Regimento enfrentou sérias dificuldades. Contudo, conquistaram o objetivo, matando no processo mais de 400 japoneses.

Por fim, os americanos entraram em Dagami a 29/10/44, forçando o General Makino a mover novamente o seu posto de comando mais para Oeste. Já então, a 16ª havia sido reduzida a cerca de 5.000 homens e havia perdido a capacidade de atuar como uma divisão.

⁵ Tanto Brostrom quanto Thorson tiveram seus nomes posteriormente dados a navios cargueiros da Marinha.

Enquanto o grosso da 7ª Divisão estava empenhado na região Dulag-Burauen-Dagami, elementos dela realizaram reconhecimentos através da ilha. A 29/10/44, o 2º Batalhão do 32º Regimento, precedido pela 7ª Tropa de Reconhecimento de Cavalaria, avançou 24 quilômetros para o Sul, ao longo da costa Leste até Abuyog e então, pelos quatro dias seguintes, patrulhou para o Oeste através das montanhas, conseguindo avistar a Baía de Ormoc. Nenhum desses avanços encontrou qualquer oposição.



A conquista do vale de Leyte.

Nos primeiros dez dias da luta por Leyte, os americanos tiveram 3.221 baixas, incluindo 706 mortos, 270 desaparecidos e 2.245 feridos. Entre os mortos estavam três correspondentes de guerra: John Terry (Chicago Daily News), Asahel Bush (Associated Press) e Stanley Gunn (Fort Worth Star-Telegram).

A Luta ao Redor da Ilha:

Enquanto o 6º Exército progredia em terra, os japoneses começaram a reação à invasão americana no mar e no ar. A 24/10/44, entre 150 e 200 aviões japoneses, na maioria bombardeiros bimo-

tores, aproximaram-se da cabeça-de-praia americana vindos do Norte. Os americanos lançaram 50 caças baseados em terra para a interceptação, que abateram entre 68 e 84 deles. Apesar disso, os ataques aéreos prosseguiram dia e noite durante os quatro dias seguintes, danificando depósitos de suprimentos e ameaçando os navios de transporte.



P-38 Lightning "Putt-Putt Maru", do 475º Esquadrão de Caça, aeródromo de Tacloban, 1944. Este avião era pilotado pelo Coronel Charles H. McDonald. Alguns dos maiores ases da Guerra do Pacífico lutaram sobre Leyte, como Richard I. Bong (40 vitórias), Thomas McGuire (38) e o próprio Charles McDonald (27).

No dia 28/10/44, caças-bombardeiros P-38 Lightning da 5ª Força Aérea chegaram aos aeródromos de Leyte. Uma hora depois de sua chegada, já estavam novamente no ar, interceptando aviões japoneses. A partir de então, nenhum avião japonês voltou a se arriscar sobre Tacloban à luz do dia e mesmo à noite os ataques diminuíram. Além disso, os ataques aéreos americanos aos aeródromos japoneses reduziram de tal forma o seu poderio aéreo que, pelo fim do mês, os ataques convencionais japoneses praticamente cessaram.

A Marinha Imperial japonesa também foi lançada à luta, no que resultou na seqüência de combates navais que ficou conhecida como "Batalha do Golfo de Leyte" (23-25/10/44). Embora não faça parte dessa matéria a descrição dessa batalha, é importante observar que ambos os lados saíram dela com conclusões que acabaram por influenciar a luta em terra por Leyte. Os americanos acreditavam que haviam infligido aos japoneses uma severa e decisiva derrota (essa era a conclusão mais correta). Os japoneses, porém, concluíram que haviam destroçado a força americana de porta-aviões, o que impossibilitaria a realização de novas grandes ofensivas pelos americanos. A verdade, porém, é que apenas um porta-aviões leve e dois de escolta haviam sido afundados, além de três destróieres, o que de maneira nenhuma enfraqueceu o poderio aeronaval americano no Pacífico. Contudo, convencidos de que haviam realmente vibrado um rude golpe na US Navy, os japoneses decidiram lutar a batalha decisiva em terra por Leyte. Acreditavam que agora o 6º Exército havia sido isolado na ilha e

que esta era uma oportunidade de ouro para expulsar e, conseqüentemente, destruir um grande corpo de tropas americanas, o que causaria uma verdadeira reviravolta na guerra. Imediatamente foi organizada a "Operação TA", que tinha por objetivo o envio de tropas a Leyte, utilizando todo tipo de embarcação disponível. As 1ª e 26ª Divisões de Infantaria e a 68ª Brigada Mista, além de elementos da 8ª Divisão, partiriam de Luzon, enquanto elementos da 102ª Divisão partiriam de Panay, da 30ª Divisão partiriam de Mindanao e as 55ª e 57ª Brigadas Mistas partiriam de Cebu. Outros elementos incluiriam duas companhias de tanques, fuzileiros navais e até pára-quedistas, vindos inclusive da China e do Japão. O primeiro comboio desembarcou elementos das 30ª e 102ª Divisões durante 23-26/10/44. Nas seis semanas seguintes, mais oito comboios chegariam a Leyte, trazendo, além das tropas combatentes, o QG do 35º Exército. Mas o principal reforço foi a 1ª Divisão de Infantaria, de elite, que chegou a 01/11/44. Krueger, posteriormente, declarou que essa divisão havia feito mais do que qualquer outra unidade inimiga para prolongar a luta por Leyte.

Mas esses reforços não passaram despercebidos – nem intactos. Interceptações feitas pela ULTRA informaram aos americanos da aproximação de comboios japoneses (embora pensassem, a princípio, tratar-se de uma operação de evacuação – o que seria mais sensato). Além disso, após a Batalha de Leyte, a Marinha precisava se recuperar e a aviação do Exército ainda não havia se instalado em força na ilha. Assim, as primeiras ações de reconhecimento e ataque foram tíbias e os primeiros comboios conseguiram passar indenes. Porém, na primeira semana de novembro, quando os americanos perceberam que os comboios na verdade traziam reforços, a situação mudou. Foram afundados 24 transportes próximos a Leyte e 22 em outros pontos das Filipinas, além de vários navios de guerra menores. Apesar disso, por 11/12/44, os japoneses haviam conseguido desembarcar mais de 34.000 homens e mais de 10.000 toneladas de material, a maior parte através do porto de Ormoc, na costa Oeste. Isso alterou completamente o plano de batalha dos americanos. Leyte deveria ser apenas uma base logística e de apoio aéreo para a invasão de Luzon, onde se travaria, aí sim, a batalha decisiva. Conquistada a porção Oriental de Leyte e assegurado o controle dos estreitos a Norte e Sul, o restante da ocupação da ilha deveria ser uma mera operação de limpeza. Mas, não. Para concluir a conquista da ilha, três divisões seriam trazidas da reserva e todo o planejamento de campanha para as Filipinas e para o restante da guerra no Pacífico sofreria atrasos. Mas, se os japoneses haviam decidido lutar por Leyte, aos americanos não restava outra alternativa senão aceitar a luta.

Continua a Luta em Terra:

Após 17 dias de combate, o 6º Exército estava no controle de todos os objetivos planejados para as duas primeiras fases da campanha, bem como um dos objetivos da 3ª fase (Abuyog). Além disso, elementos da 7ª Divisão controlavam os acessos à cidade de Baybay na costa Oeste, a 42 quilômetros ao Sul de Ormoc. Além disso, as forças guerrilheiras ajudaram o 21º Grupo Regimental de Combate a completar a libertação do terço meridional de Leyte. De importância estratégica, apenas o vale de Ormoc permanecia em mãos japonesas.

Para conquistá-lo, Krueger planejou um movimento de pinças gigantesco, com o 24º Corpo movendo-se pelo Sul através das montanhas e o 10º Corpo avançando ao Norte. Para superar a robustecida resistência japonesa, principalmente na barreira de montanhas ao Norte, Krueger decidiu empenhar suas reservas, as 32ª e 77ª Divisões de Infantaria, além de receber de MacArthur a nova 11ª Divisão Aeroterrestre.



Infantaria americana avança cautelosamente.

Nessa etapa da campanha, os americanos teriam que lutar em terreno muito mais acidentado do que o encontrado até então em Leyte. Ao Norte do vale de Ormoc, os soldados americanos teriam que avançar para o Sul ao longo de um trecho de 16 quilômetros da Rodovia Nº 2 através de região montanhosa no Noroeste da ilha. Ao Sul, eles teriam que avançar para o Norte uns 50 quilômetros ao longo da costa de Baybay à cidade de Ormoc, o tempo todo sob observação das alturas mais a Leste, e então continuar para o Norte outros 20 quilômetros para se encontrar com o 10º Corpo.

O perímetro defensivo japonês ficou conhecido como "Linha Yamashita" e se estendia por mais de 50 quilômetros, de Punta Pena, no Norte, ao rio Palanas, na cidade de Albuera, no Sul. O terreno montanhoso ao Norte e ao Sul do vale de Ormoc oferecia excelentes oportunidades para os japoneses, mais uma vez, demonstrarem a sua

notável habilidade na guerra defensiva.

Além de avançar para o Norte do vale de Ormoc, o 10º Corpo tinha a tarefa de bloquear os diversos passos que demandavam o Leste, ou seja, as áreas de retaguarda do 6º Exército. Para cumprir sua missão, o General Sibert, comandante do 10º Corpo, solicitou forças adicionais e, em 30/10/44, o General Krueger devolveu o 21º Regimento à sua 24ª Divisão. Mas, até ele chegar, a 24ª Divisão manteve-se em ação, buscando atingir a entrada do vale.

A 03/11/44, o 34º Regimento moveu-se para uma posição a 3 quilômetros a Oeste de Carigara, sendo quase imediatamente atacado. Nesse dia, o Sargento Charles E. Mower, do 1º Batalhão do 34º Regimento, fez por merecer a Medalha de Honra postumamente. Mesmo gravemente ferido e totalmente exposto no meio de um riacho, ele orientou o seu esquadrão para a destruição de dois ninhos de metralhadoras japoneses antes de ser morto. Com apoio de artilharia, o regimento avançou, tomando uma crista ao longo da rodovia e entrando sem oposição em Pinamopan no dia seguinte.

Todavia, o General Krueger decidiu fazer uma pausa. Receoso de que os japoneses pudessem tentar um desembarque na baía de Carigara, ele ordenou a Sibert que parasse o avanço para o Sul a fim de proteger a área enquanto esperava por reforços. Essa decisão foi muito criticada posteriormente, pois não só os japoneses não tinham condições de realizar tal operação após a destruição da sua marinha na Batalha do Golfo de Leyte, como essa parada deu tempo aos japoneses para construir fortes defesas na entrada do vale de Ormoc. Essa linha, que ficou conhecida como "Breakneck Ridge" (Crista do Pescoço Quebrado), tinha posições de tiro protegidas com troncos e conectadas por trincheiras, além de incontáveis abrigos individuais.

A 07/11/44, o 21º Regimento, em seu primeiro combate sério em Leyte, iria se pegar com a recém-chegada 1ª Divisão japonesa. Embora esta tivesse sido enviada para Leyte com o propósito de expulsar os americanos para o mar, ela logo se viu diante da necessidade de passar para a defensiva.

O ataque do 21º Regimento não conseguiu ganhar terreno, apesar de contar com o apoio do 52º Grupo de Artilharia de Campanha e de elementos do 44º Batalhão de Tanques, do 632º Batalhão de *Tank Destroyers* e do 85º Batalhão Químico (Morteiros). Isso desagradou ao General Sibert, que foi ao posto de comando regimental e demitiu o seu comandante.

Para piorar as coisas, um tufão se abateu sobre a região em 08-09/11/44. No entanto, ao 21º Regimento foi ordenado atacar mesmo assim, o que se constituiu num dos erros mais gritantes dessa campanha. O inútil esforço desgastou a tropa e

abalou o seu moral.

Houve temporal durante vários dias seguidos. Com isso, as áreas de abastecimento foram inundadas, estradas se transformaram em rios e todo o terreno ficou coberto de lama grossa e pegajosa. E, embora tais problemas atingissem igualmente os japoneses, estes estavam numa postura essencialmente defensiva, tinham linhas de comunicação mais curtas e não dependiam tanto do transporte motorizado quanto os americanos. Outro problema encontrado foi a imprecisão dos mapas distribuídos às tropas. Por exemplo, a Cota 1525, identificada no mapa, na verdade era um maciço com diversos picos.

Apesar de tudo isso, o 21º Regimento retomou a ofensiva nos dias seguintes. O combate aqui foi dos mais selvagens de toda a Guerra do Pacífico. Ataques eram imediatamente seguidos de contra-ataques, de ambas as partes, num sangrento sobe-e-desce das encostas íngremes das colinas. Luta essencialmente de infantaria, com armas portáteis, morteiros (utilizando granadas de fósforo branco) e baionetas, em incontáveis confrontos corpo-a-corpo. O progresso foi inevitavelmente lento e caro e logo as companhias de assalto se viram esgotadas.

Afortunadamente, porém, o 19º Regimento havia conseguido atingir um ponto a cerca de 3 quilômetros a Leste da rodovia Nº 2, o que provocou o estiramento das defesas japonesas.

Porém, após 3 dias de combate contra defesas aparentemente inexpugnáveis, o General Irving decidiu envolver os irredutíveis japoneses. Ele ordenou ao 2º Batalhão do 19º Regimento que progredisse para Leste, por trás do flanco direito inimigo, cortando a rodovia Nº 2 atrás dele. No outro flanco, ele decidiu enviar o 1º Batalhão do 34º Regimento pelo mar, de Carigara até um ponto a 3 quilômetros a Oeste da curva da rodovia para o Sul. O batalhão desembarcou a 10/11/44, sem oposição, atravessou uma linha de cristas e o rio Leyte antes de desviar-se para o Sul, envolvendo o flanco esquerdo japonês. A 13/11/44, o batalhão, sob o comando do Tenente-Coronel Thomas E. Clifford, ocupou a Colina Kilay, de 274 metros, o principal acidente geográfico na região. Embora desocupada, a posição havia sido preparada pelos japoneses, com abrigos e trincheiras. Ambos os batalhões, separados por cerca de 1 quilômetro um do outro, com a rodovia entre eles, logo se viram diante de feroz oposição e ainda foram prejudicados pela chuva intensa. A 15/11/44, os japoneses bombardearam pela primeira vez a Colina Kilay. A 17/11/44, durante um ataque japonês, um soldado foi ferido na perna e não pôde mais andar. Ele foi então transportado nas costas pelo próprio Coronel Clifford por cerca de 1,5 quilômetro. Por sua ação, Clifford recebeu a Cruz de Serviços Distintos.

Os ataques japoneses aumentaram de intensida-

de a 18/11/44. No dia seguinte, a Companhia "B" foi cercada e obrigada a recuar. A 22/11/44, os japoneses lançaram uma carga de baionetas e conseguiram cercar as Companhias "A" e "B". Clifford começou a planejar o abandono da posição, mas recebeu ordens de manter-se firme, pois a ajuda estava chegando. Os americanos agora dependiam do lançamento de suprimentos por aviões e da ajuda da população local.

A situação ficou muito séria para os homens de Clifford. Cansados, com pouca comida, sem sono, sob chuva constante, permanentemente afundados na lama e em contato com o inimigo, eles logo começaram a adoecer: febre, disenteria e pé-de-trincheira se tornaram comuns.

A 25/11/44, novo ataque japonês foi detido com pesadas baixas para ambos os lados. Dois dias depois, uma patrulha do 128º Regimento (32ª Divisão) fez contato com os sitiados, mas a situação continuou precária. Na noite de 28/11/44, os japoneses tentaram um esforço supremo, chegando a cercar a Companhia "C".

O dia seguinte era o Dia de Ação de Graças e os soldados receberam sua ração de peru. Mas a verdadeira benção para os esgotados soldados de Clifford foi a chegada do 2º Batalhão do 128º Regimento. A 04/12/44, o batalhão de Clifford foi retirado de linha. Ele havia sofrido 129 baixas (26 mortos, 101 feridos e 2 desaparecidos), mas estima-se que causou mais de 900 baixas ao inimigo, na maioria mortos. Por seu árduo esforço na luta pela Colina Kilay, ambos os batalhões receberam a Citação Presidencial de Unidade.

Enquanto isso, na frente principal, o 21º Regimento conseguiu romper as defesas inimigas de "Breakneck Ridge" por volta de 14/11/44, exceto por alguns pontos isolados. Mas o preço foi alto: 630 baixas só no 21º Regimento.

A 24ª Divisão havia causado baixas muito pesadas aos japoneses, estimadas em 2.000 mortos. Porém, agora ela estava evidentemente esgotada e necessitava ser substituída, o que foi feito na ocasião, com a chegada da 32ª Divisão de Infantaria, do Major-General William H. Gill.

Divisão da Guarda Nacional de Michigan e Wisconsin, a "Red Arrow Division" foi transferida para o 10º Corpo a 14/11/44 e logo começou a substituir os elementos exaustos da 24ª Divisão. Ela partiu para o ataque a 16/11/44, mas os obstinados defensores conseguiram conter os americanos até 10/12/44, quando a linha japonesa foi rompida em Limon.

Enquanto se desenrolava a terrível luta em "Breakneck Ridge" e pela Colina Kilay, a Sudeste destas, a 1ª Divisão de Cavalaria (agora reforçada pelo 112º Regimento de Cavalaria independente) havia atravessado as montanhas à força, penetrando as posições defendidas pela 102ª Divisão japonesa. Ela fez contato com a 32ª Divisão perto da rodovia Nº 2 em 03/12/44, mas foi

apenas em 14/12/44 que as duas divisões limpam toda a área ao Norte do vale de Ormoc. A 05/12/44, mais uma Medalha de Honra foi ganha em Leyte, postumamente. O soldado William A. McWhorter agarrou uma granada japonesa que havia caído em sua posição e absorveu todo o impacto da explosão, morrendo instantaneamente, preservando assim a vida de seu camarada. Durante toda essa fase, os problemas logísticos tornaram-se desesperadamente graves. Com as montanhas intransitáveis para veículos e as estradas transformadas em rios de lama, o 6º Exército se viu forçado a lançar mão de todos os recursos disponíveis para suprir suas unidades combatentes, incluindo barcaças de desembarque da Marinha, veículos anfíbios, lançamentos por pára-quadras, tratores de artilharia e centenas de voluntários filipinos.



Voluntários filipinos realizam o transporte de suprimentos em áreas onde o transporte motorizado não chega.

Enquanto o 10º Corpo abria caminho a muito custo no Norte, o 24º Corpo tinha também seus problemas. Em meados de novembro, apenas o 32º Regimento (7ª Divisão) havia atingido a costa Oeste na área de Baybay, com o restante da divisão cobrindo a área de Burauen.

Porém, com a chegada da 11ª Divisão Aeroterrestre a 28/11/44, a 7ª pôde ser liberada para cumprir a missão do Corpo, ou seja, ser a pinça Sul do ataque para envolver o vale de Ormoc. Krueger então ordenou à 7ª Divisão que se concentrasse na área de Baybay-Damulaan, na costa Oeste de Leyte, o que só foi concluído no final de novembro.

A divisão então se preparou para atacar, porém, os japoneses tinham outros planos: mal os americanos estabeleceram suas posições de partida, a

cerca de 15 quilômetros ao Norte de Baybay, foram violentamente atacados, na noite de 23/11/44, pela recém-chegada 26ª Divisão japonesa.

Os japoneses realizaram uma pequena barragem utilizando três canhões de 75 mm e um de 70 mm. Quando a barragem foi suspensa, os japoneses avançaram aos gritos. Os americanos se viram forçados a recuar, embora retomassem o terreno perdido no dia seguinte.

Na noite de 24/11/44, a preparação de artilharia foi das mais intensas já lançadas pelos japoneses na Guerra do Pacífico. Na noite seguinte, um pequeno grupo conseguiu se infiltrar até as posições do 49º Batalhão de Artilharia de Campanha, inutilizando um dos canhões antes de ser exterminado. Ambos os ataques acabaram rechaçados com pesadas baixas para os japoneses.

A 26/11/44, os japoneses tentaram novamente. Num dado momento do combate, um oficial gritou para três homens num posto avançado para que recuassem. Resultado: dois pelotões inteiros recuaram, abrindo uma brecha na linha americana. Quando os americanos tentaram retornar às suas posições, encontraram os japoneses instalados nelas. Para sorte dos americanos, os japoneses não perceberam o que havia acontecido e não aproveitaram a oportunidade. Os nipônicos acabaram expulsos das posições e isso encerrou a batalha, que ficou conhecida como "Batalha de Shoestring Ridge".

Para evitar outros contratempos, o General Arnold anexou o 1º Batalhão do 184º Regimento ao 32º Regimento. Tanques do 767º Batalhão de Tanques e artilharia pesada também foram destacados para apoiar o esforço da 7ª Divisão, incluindo uma bateria do 11º Batalhão de Artilharia dos "Marines", armada com canhões de 155 mm. Essa unidade originalmente se destinava à invasão de Yap, mas foi transferida para o 6º Exército quando essa operação foi cancelada.

Na manhã de 27/11/44, os americanos tomaram a ofensiva, contando cerca de 400 corpos de inimigos fora de seu perímetro e mais de 100 à medida que avançavam para o Norte nesse dia. Encontraram ainda 29 metralhadoras abandonadas. A 29/11/44, os americanos já haviam recuperado todo o terreno que haviam cedido durante a batalha de Shoestring Ridge.

Após alguns dias de descanso e rodízio de unidades, o General Arnold começou a sua ofensiva para o vale de Ormoc. Na noite de 04/12/44, os veículos do 776º Batalhão de Tanques Anfíbios rumaram para o mar e seguiram para o Norte ao longo da costa a cerca de 1.000 metros à frente das forças em terra. Na manhã seguinte, os tanques aproximaram-se a cerca de 200 metros da praia e bombardearam as colinas diante dos 17º e 184º Regimentos, que avançavam. Essa criativa tática mostrou-se eficiente, surpreendendo e

desorganizando os defensores, exceto onde havia bolsões de resistência nas encostas das colinas opostas ao mar.

À medida que avançava para o Norte, o 17º Regimento foi recebido por pesado fogo inimigo vindo da Cota 918, de onde toda a costa até a cidade de Ormoc podia ser observada. Foram necessários dois dias de intenso combate para que os americanos abrissem caminho através do rio Palanas e das cotas 918, 380 e 606. Depois disso, o avanço para o Norte tomou impulso. Por 12/12/44, a vanguarda americana estava a menos de 15 quilômetros de Ormoc. A 16/12/44, o 2º Batalhão do 32º Regimento moveu-se para as montanhas a Leste a partir da Baía de Ormoc. Ele fez progresso lento, mas firme, através de obstinados bolsões de resistência inimigos e, a 22/12/44, fez contato com os pára-quedistas da 11ª Divisão Aeroterrestre.



Coluna de infantaria e tanques em ação em Leyte, 23/11/44. Esta pode ter sido a última foto tirada pelo fotógrafo da Acme Newspictures Frank Priest, Jr., que foi morto por um atirador japonês pouco depois.

A Operação WA:

Embora fosse contrário à idéia de travar uma batalha decisiva em Leyte, Yamashita era um militar e como tal sabia obedecer ordens. Ele concluíra que a única forma de recuperar a iniciativa em Leyte seria através da captura dos aeródromos em poder dos americanos. Com esse objetivo, foi concebida a “Operação WA”, que previa que forças de pára-quedistas saltariam sobre os três aeródromos na área de Burauen e manteriam suas posições até que as forças de terra, descendo das montanhas, as alcançassem. As ordens para a sua execução foram dadas a 23/11/44 e envolveriam toda a aviação disponível. Comboios foram despachados para abastecer as tropas que participariam da operação, nominal-

mente as divisões 16ª (ou o que restava dela⁶) e 26ª (que havia desembarcado a 09/11/44). O General Yamashita ordenou que a 1ª Brigada Aeroterrestre (3º e 4º Regimentos Incursores Aeroterrestres) decolariam de Luzon para participar da operação. Um destacamento precursor foi enviado na noite de 26/11/44, quando quatro aviões de transporte decolaram para atacar duas das pistas. Contudo, apenas um avião conseguiu chegar perto de seu alvo, onde foi abatido. Os demais caíram no mar ou na praia, sem causar dano algum.

Devido à escassez de aviões de transporte, apenas um regimento poderia ser despachado por vez, pretendendo-se que o outro fosse enviado em seguida. Mas, quando o momento da ação chegou, só havia transportes suficientes para cerca de 500 homens, ou seja, cerca de 1/3 do regimento. Decidiu-se que os 25 aviões disponíveis fariam três viagens. A primeira leva partiu como programado, mas a segunda foi forçada a retornar devido ao mau tempo. Não foram feitas outras tentativas.

Na noite de 07-08/12/44, cerca de 350 pára-quedistas foram lançados, a maioria próximo ao aeródromo de San Pablo. No entanto, o ataque foi um fracasso desde o princípio. O primeiro avião começou a lançar seus pára-quedistas bem em cima do QG da 11ª Divisão Aeroterrestre, a cerca de 200 metros de seu objetivo. Outros saltaram bem além da área da pista de pouso. Em um avião, o gancho de fixação que puxava as linhas de abertura dos pára-quedas quebrou, resultando em que todos os seus pára-quedistas simplesmente saltaram para a morte.

Embora os ataques fossem mediocrementemente coordenados, o inimigo foi capaz de formar um bolsão de resistência por mais de quatro dias, empregando, inclusive, muito armamento americano capturado. Grupos improvisados com tropas de serviços foram apressadamente reunidos para conter os japoneses até que tropas combatentes da 11ª Divisão Aeroterrestre, reforçadas pelo 1º Batalhão do 382º Regimento (96ª Divisão) e dois batalhões da novata 38ª Divisão de Infantaria (que estava apenas estacionada em Leyte e não subordinada ao 6º Exército), chegassem para eliminar os intrusos.

Na manhã de 08/12/44, a Companhia “A” do 1º Batalhão do 382º Regimento estava diante de uma força japonesa na margem do aeródromo de Buri. O soldado Ova A. Kelley realizou então uma carga, portando um fuzil e uma carabina. Ele matou oito inimigos antes de ser morto. No entanto, seus companheiros seguiram-no e asseguraram

⁶ A 06/11/44, todos os comandantes de batalhão de infantaria da 16ª Divisão estavam mortos, bem como a maioria dos comandantes de companhia e metade dos comandantes da artilharia.

ram a margem do aeródromo. Por sua ação, Kelley recebeu a Medalha de Honra postumamente. Houve ainda escaramuças durante alguns dias. Na noite de 10/12/44, tiros atingiram os alojamentos administrativos da 5ª Força Aérea, incluindo as acomodações do Major-General Ennis C. Whitehead. Ignorando que havia japoneses na área, ele pegou a bala e ordenou que encontrassem o “cabeça oca” que havia atirado, que avisassem ao “cabeça oca” que era melhor ele parar ou então que o “cabeça oca” tivesse uma boa razão para fazer aquilo.

Os japoneses acabaram eliminados por volta de 11/12/44. Eles haviam destruído alguns depósitos de suprimentos e incendiado alguns aviões leves no solo, além de um jipe. Testemunhas declararam que os japoneses pareciam desorientados e bêbados. Talvez estivessem mesmo...

Mas tanto esforço havia sido para nada. Além de não causar qualquer impacto na batalha de Leyte, a “Operação WA” havia visado ao alvo errado: os americanos nem sequer estavam utilizando esses aeródromos, devido às más condições do solo encharcado.

O Desembarque da 77ª Divisão:

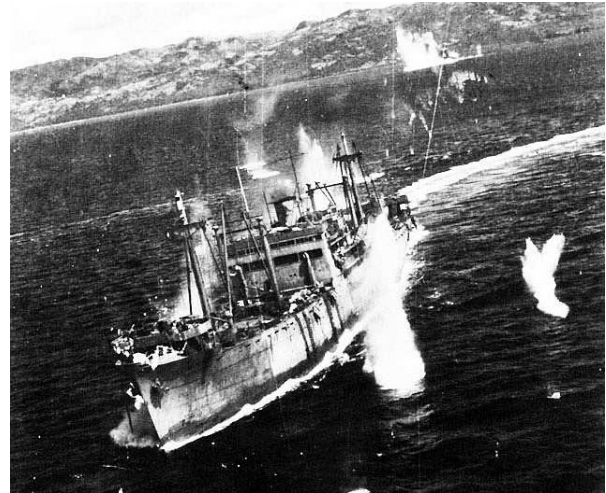
A 07/12/44, terceiro aniversário de Pearl Harbor, a 77ª Divisão de Infantaria, comandada pelo Major-General Andrew D. Bruce, desembarcou na praia de Ipil, a quatro quilômetros ao Sul de Ormoc, dando o golpe de misericórdia nas maltratadas forças japonesas em Leyte. O desembarque ocorreu a menos de 2 quilômetros ao Norte das posições da 7ª Divisão e foi praticamente sem oposição, embora ataques kamikazes logo atingissem os navios ao largo da cabeça-de-praia. 81 aviões japoneses foram abatidos nos combates aéreos desse dia sobre a nova cabeça-de-praia, contra a perda de apenas 5 aparelhos americanos. Porém, o destróier USS Mahan foi atingido por três kamikazes e afundou, bem como um transporte.

Ao desembarcar, a 77ª Divisão (apelidada “Estátua da Liberdade”) avançou para o interior, enquanto a 7ª Divisão retomava o avanço para o Norte, espremendo os japoneses entre si.

Os japoneses foram de tal forma surpreendidos pelo desembarque da 77ª Divisão que o General Suzuki se encontrava no QG da 26ª Divisão, supervisionando a “Operação WA”. Ao saber do novo desembarque americano, Suzuki cancelou os ataques em direção ao aeródromo de Burauen e ordenou às forças empenhadas ali que rompessem contato e voltassem o mais rapidamente possível para enfrentar a nova ameaça. Contudo, apenas pequenos destacamentos conseguiram chegar à costa Oeste a tempo de se empenhar em combate. O próprio Suzuki só conseguiu retornar ao seu QG, passando pelas linhas ameri-

canas, a 13/12/44.

Os japoneses ainda fizeram uma nova tentativa para reforçar a guarnição de Leyte, com tropas vindas de Cebu. Foi um fracasso total. Canhões, aviões de caça e lanchas torpedeiras atacaram as embarcações que levavam tropas, canhões e veículos para Ormoc. Pelo menos 28 desses barcos foram danificados (13 afundados), com a perda estimada de 4.000 homens.



Navio japonês sob ataque aéreo americano.

Assim, a única força japonesa que se opunha ao avanço da 77ª Divisão era formada por cerca de 1.750 soldados, marinheiros e pára-quedistas que saltaram às pressas sobre o Campo Downes.

A 77ª Divisão progrediu rapidamente através de campos de arroz, auxiliada pelos guerrilheiros filipinos. Os montes de Donghol, que dominavam o porto de Ormoc, foram tomados poucos dias depois e seu 305º Regimento de Infantaria entrou na cidade a 10/12/44. Enquanto isso, mais ao Sul, os americanos tomaram Albueria, infligindo pesadas baixas ao inimigo. No dia 11/12/44, a 77ª fez contato com a 7ª.

Na sua arrancada para Ormoc, a 77ª Divisão matou 1.506 japoneses e tomou 7 prisioneiros, sofrendo apenas 136 baixas.

Ao Norte de Ormoc, o 12º Regimento de Infantaria (parte da 26ª Divisão), já desfalcado porque parte de suas tropas foi para o fundo do mar junto com seus transportes, estabeleceu uma forte posição, bloqueando o acesso ao vale de Ormoc. Por dois dias, essas posições resistiram a tudo o que os americanos lançaram contra ela. Finalmente, a 14/12/44, o 305º Regimento, com forte preparação de artilharia, lança-chamas e bulldozers blindados, cerrou sobre o ponto-forte. A luta que se seguiu foi um selvagem corpo-a-corpo. Durante esse combate, o Capitão Robert B. Nett, comandante da Companhia “E” do 2º Batalhão do 305º de Infantaria, avançou através de intenso fogo e matou vários japoneses. Nett recebeu a Medalha de Honra.

Eliminado o bastião inimigo, a 77ª Divisão rapidamente avançou para o Norte, enfrentando uma resistência que se desintegrava. Tomou o aeródromo de Valencia, 11 quilômetros ao Norte de Ormoc, a 18/12/44, e prosseguiu para o Norte para estabelecer contato com o 10º Corpo.

Durante essas ações, a 21/12/44, o soldado George Benjamin, Jr, da Companhia "A" do 1º Batalhão do 306º Regimento, fez por merecer a Medalha de Honra, postumamente, ao matar toda a guarnição de uma metralhadora japonesa, ao custo de sua própria vida.

Na porção Norte do vale de Ormoc, a 32ª Divisão havia encontrado oposição determinada por elementos da 1ª Divisão japonesa ao longo da rodovia nº 2. Movendo-se para o Sul além da Colina Kilay, as tropas do General Gill penetraram em área densamente arborizada, que limitava a visibilidade, permitia ao inimigo bons esconderijos e prejudicava a artilharia. Os ataques, portanto, tiveram que ser precedidos por demolidoras concentrações de metralhadoras pesadas. As tropas então avançavam usando lança-chamas, granados de mão, fuzis e baionetas, num avanço lento e caro. O soldado Dick J. Vlug destruiu, sozinho, cinco tanques inimigos, enquanto o Sargento Leroy Johnson lançou-se sobre uma granada, sacrificando sua vida para salvar as vidas de seus camaradas. Ambos foram agraciados com a Medalha de Honra.

Após cinco dias de duros combates, os 126º e 127º Regimentos haviam avançado menos de 2 quilômetros ao Sul da Colina Kilay. A 18/12/44, o General Sibert ordenou à 1ª Divisão de Cavalaria que assumisse o avanço para o Sul. O seu 12º Regimento de Cavalaria progrediu para fora das montanhas por uma trilha a Sudoeste até a rodovia Nº2, limpando um trecho de 4,5 quilômetros da rodovia. A 21/12/44, patrulhas do 12º de Cavalaria encontraram-se com homens do 306º Regimento (77ª Divisão), marcando a junção entre os 10º e 24º Corpos e a conclusão bem-sucedida da manobra de pinças do 6º Exército.



Tanque Leve Tipo 95 japonês destruído durante combate na Rodovia Nº 2. Observe os buracos de atiradores na encosta atrás do tanque.

Enquanto as 77ª e 32ª Divisões convergiam pelo vale, a 11ª Divisão Aeroterrestre, comandada pelo Major-General Joseph M. Swing, havia atravessado os passos montanhosos vindo do Leste. Após um árduo avanço através de desfiladeiros e colinas, sob fortes aguaceiros e eliminando bolsões inimigos no caminho, os pára-quedistas atingiram Mahonag a 06/12/44. Após estabelecer posições de bloqueio ao Sul do vale de Leyte, em 22-24/11/44, o 511º Regimento Pára-Quedista avançou para o Oeste pelas montanhas. Ele logo colidiu com a 26ª Divisão japonesa, que então estava atacando para o Leste, na execução da "Operação WA". Disso resultaram renhidos combates, sem quartel, sem frente, nem retaguarda. A 07/12/44, o soldado Elmer E. Fryar, da Companhia "E", voluntariamente atirou-se diante de seu comandante de pelotão sob fogo inimigo, sendo baleado e morto. Ele recebeu a Medalha de Honra postumamente. A 08/12/44, o 511º havia capturado Rock Hill, uma elevação que dominava a sua zona de avanço. Rock Hill era parte de uma longa seqüência de cristas que diminuíam de altura no sentido da costa Oeste. A 15/12/44, uma patrulha do 511º alcançou as linhas do 32º Regimento. Ela informou que a sua companhia, a "G", estava isolada e sem comida havia quatro dias.

A 21/12/44, o 2º Batalhão do 511º avançou lentamente contra feroz resistência inimiga. Mas, depois de repetidos ataques fracassados contra um ponto-forte tenazmente defendido, o batalhão foi forçado a desengajar e estabelecer um perímetro para passar a noite. A posição dominava todas as rotas de aproximação em volta e as vertentes Norte e Sul eram muito íngremes para se investir por elas.

Optou-se então por um ataque noturno, que começou às 4:00 h do dia 22/12/44. Como a trilha era muito estreita e manobrar era praticamente impossível, a frente de ataque de todo o regimento era limitada a alguns homens da companhia de assalto.

A escuridão e a densa floresta faziam a observação ou qualquer movimento de flanco impossível. Os americanos podiam apenas presumir que o terreno à sua frente era similar ao que eles deixaram para trás. Para piorar as coisas, começou a chover.

Então, a cerca de 15 metros das posições japonesas, eles foram detectados, sendo o soldado mais à frente imediatamente morto. Os pára-quedistas lançaram então uma carga, atirando granadas, gritando e correndo. Um dos soldados lançou uma granada que bateu numa árvore e voltou para eles, explodindo bem no meio do grupo. Miraculosamente, ninguém ficou ferido.

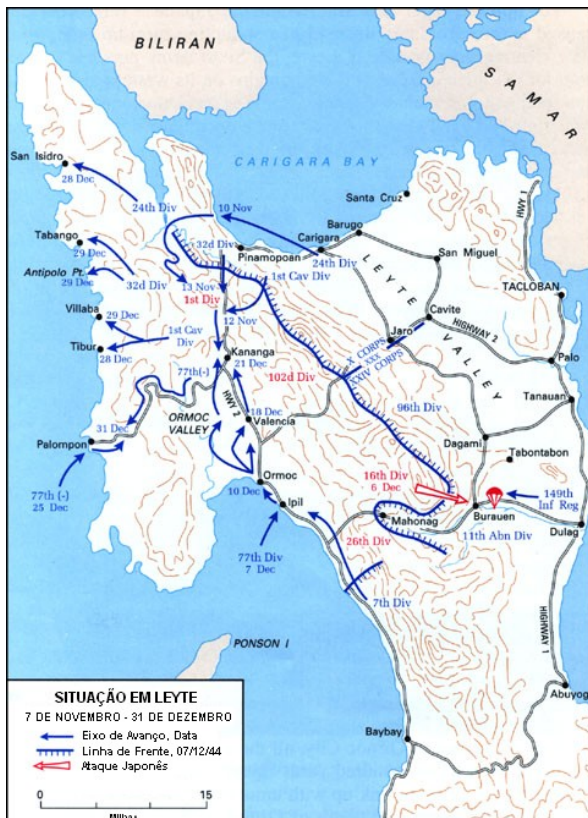
Devido à hora, ao mau tempo e aos sucessos dos dias anteriores, os japoneses foram pegos totalmente de surpresa. Na confusão, eles começaram a recuar. Uma longa coluna, de 100 a 150

japoneses, se formou na trilha, rumo ao Oeste. Um soldado americano que havia ocupado uma trincheira japonesa viu a cena e imediatamente a atacou com sua metralhadora leve aos gritos de "Banzai!" e "Rat Ass!" A gritaria atraiu outros soldados e logo a surpreendida coluna japonesa foi dizimada. Os americanos aproveitaram o impulso e progrediram para o Oeste. Ao entardecer, a tropa se entrincheirou para passar a noite, tendo uma visão panorâmica da Baía de Ormoc. Por esse feito extraordinário, a companhia havia tido apenas um morto.

Então, o 2º Batalhão do 187º Regimento Planadorista ultrapassou o 511º Regimento e, nesse mesmo dia, fez contato com elementos da 7ª Divisão de Infantaria.

Batalhas Finais:

O bem-sucedido avanço do 10º Corpo para o Sul através do vale de Ormoc e cruzando a ilha deixou apenas posições inimigas isoladas nas montanhas a Oeste do vale. A maior parte dessas tropas pertencia ao 5º Regimento de Infantaria (parte da 8ª Divisão), além de remanescentes de outras formações. Elas estavam em condições lamentáveis, sobrevivendo à base de cocos e vegetais, sofrendo com doenças e falta de todo tipo de suprimento. Pela primeira vez na Guerra do Pacífico, houve um número significativo de deserções.



A conquista do vale de Ormoc e o fim da resistência organizada em Leyte.

Para destruir esse último bolsão de resistência, Krueger ordenou à 77ª Divisão que limpasse a estrada no Norte do vale de Ormoc e o porto de Palompon, na costa Noroeste, enquanto as demais unidades se limitariam a patrulhar e conter os remanescentes das forças japonesas ao longo da costa.

As tropas do General Bruce iniciaram o avanço para Palompon. O 305º Regimento de Infantaria (menos um batalhão), com apoio de tanques, avançou para Oeste ao longo da estrada na manhã de 22/12/44. O 302º Batalhão de Engenharia seguia logo atrás, reparando e reforçando pontes para os tanques, artilharia e veículos de suprimentos. As unidades de assalto progrediram rapidamente contra fogo inimigo esporádico até atingir as fortes posições japonesas a cerca de 12 quilômetros do porto. Para retomar o impulso, o General Bruce embarcou o 1º Batalhão do 305º Regimento em barcas de desembarque e o despachou de Ormoc para Palompon. Com forte apoio de artilharia, inclusive de barcos equipados com morteiros, os infantas desembarcaram às 7:20 h de 25/12/44 e capturaram a pequena cidade em apenas quatro horas.

Com a conquista do último porto em Leyte, o General MacArthur anunciou o fim da resistência organizada na ilha. Mas ninguém avisou isso aos japoneses e eles continuaram lutando como unidades organizadas pelo menos até 20/01/45.

O 10º Corpo, atacando a 23/12/44, conseguiu rápidos ganhos contra tropas inimigas mais desorganizadas e desmoralizadas. Elementos da 1ª Divisão de Cavalaria atingiram a costa no dia 28/12/44 e dois dias depois encontrou patrulhas da 32ª Divisão. Também nesse dia, homens do 34º Regimento limpavam as últimas posições inimigas no canto Noroeste da ilha. A 26/12/44, enquanto ocorriam esses movimentos, MacArthur transferiu o controle das operações em Leyte e Samar para o 8º Exército. Apesar das forças japonesas não representarem mais ameaça ao controle da ilha pelos americanos, as operações de limpeza e contenção prosseguiram até 08/05/45.

As condições das tropas japonesas que ainda restavam em Leyte eram simplesmente assustadoras. Fome, doenças, desorganização e desmoralização. Os feridos graves eram incitados por seus oficiais a cometerem suicídio. As deserções aumentavam. O comandante da 102ª Divisão, Tenente-General Shimpei Fukue, fugiu para Cebu. Alguns grupos conseguiram escapar da ilha em todo tipo de embarcação e uma evacuação foi iniciada em janeiro, com elementos da 1ª Divisão indo para Cebu. Porém, a operação foi descoberta pelos americanos e as barcas utilizadas nela foram afundadas. Foram evacuados dessa forma 743 homens, sem contar as centenas que se

aventuraram a fazer a travessia por conta própria. A 18/03/45, Suzuki deixou Leyte. Porém, para todo lugar que ele se dirigia chegava tarde demais: os americanos já estavam lá. Por fim, a 16/04/45, o seu barco foi localizado e metralhado por aviões americanos e Suzuki foi morto.

Análise Final:

A campanha por Leyte custou aos americanos um total de 15.584 baixas, das quais 3.504 foram mortos em ação. Na sua fracassada defesa da ilha, estima-se que os japoneses perderam mais de 49.000 homens.

A campanha por Leyte provou ser a primeira e a mais decisiva operação dos americanos para a libertação das Filipinas. Os japoneses jogaram todas as suas cartas em Leyte e perderam. A luta custou ao seu Exército o equivalente a quatro divisões (incluindo uma de elite), enquanto a sua Marinha perdeu 26 grandes navios de guerra e 46 grandes navios de transporte e mercantes. A aviação japonesa sofreu ainda mais. Estima-se que as perdas de aviões baseados em terra nas Filipinas foram de mais de 50%, forçando os japoneses a depender quase que exclusivamente dos aterrorizantes – mas não decisivos – ataques kamikazes.

Para o U.S. Army, a luta por Leyte demorou bem mais que o esperado e a ilha revelou-se difícil de desenvolver como base militar.

Apesar da longa experiência do US Army nas Filipinas, o serviço de Engenharia do 6º Exército revelou-se ineficiente. No Sul do vale de Leyte, os engenheiros começaram a trabalhar em três aeródromos (Buri, San Pablo e Bayug) apenas para ter o trabalho suspenso a 25/11/44, quando se tornou óbvio que eles não poderiam ficar operacionais. Os japoneses haviam construído o aeródromo de Tacloban, mas, para que a 5ª Força Aérea pudesse fazer pleno uso dele, os engenheiros teriam que fazer extensas reformas nele. No final, apenas um aeródromo novo foi construído, o de Tanauan.

Finalmente, o lento progresso das operações de combate em terra também complicou o programa de construções. À medida que as forças de terra penetravam ilha adentro, a necessidade de mais tropas de engenharia aumentava, com isso atrasando os programas de construção. Portanto, como base logística para apoiar as operações nas Filipinas, Leyte revelou-se muito menos que satisfatória.

Por outro lado, o desempenho do 6º Exército em Leyte teve mais méritos que equívocos. Através da campanha, as unidades americanas demonstraram grande habilidade na realização de operações anfíbias e em táticas de armas combinadas, a despeito de todos os desafios apresentados pelo inimigo, pelo tempo e pelo terreno. A rotativi-

dade de unidades de combate assegurava que os americanos só raramente perdiam o impulso em suas ofensivas, enquanto os comandantes japoneses nunca foram capazes de concentrar suas unidades para a realização de qualquer ataque sério, a despeito da quantidade de tropas combatentes à sua disposição.

O QG de MacArthur falhou redondamente na análise das intenções japonesas. Quando compreenderam a decisão nipônica de lutar uma batalha decisiva em Leyte, eles não tinham em mãos os meios aéreos e navais para impedir o fluxo de reforços inimigos para a ilha.

Porém, no final, a decisão japonesa de jogar tudo pela posse de Leyte apenas apressou o seu colapso final nas Filipinas. Antes mesmo da luta em Leyte terminar, as forças de MacArthur já estavam se deslocando para libertar Luzon e o restante das Filipinas. Embora o General Yamashita tivesse ainda uns 250.000 homens em Luzon, a grande perda de meios aéreos e navais na luta por Leyte reduziu a sua perspectiva de luta a uma mera defensiva, passiva, sem possibilidade alguma de retomar a iniciativa ou de realizar movimentos importantes.

No final das contas, a queda de Leyte representou a perda das Filipinas e, sem elas, a linha de comunicações do Japão com suas fontes de recursos no Sul seria facilmente cortada. Afinal, havia sido por causa dessa linha que o Japão invadira as Filipinas e, em última análise, havia atacado Pearl Harbor. Agora, com suas forças aéreas e navais destruídas ou reduzidas à impotência, o Japão não podia mais pretender alterar o resultado da guerra. A partir desse momento, as decisões que levaram o Japão à guerra estavam irremediavelmente superadas e, portanto, a própria guerra havia perdido o sentido. Num país democrático ou que, pelo menos, não estivesse sob o controle de militares fanáticos, já seria mais que o suficiente para pedir a paz. Mas isso não aconteceria antes que mais centenas de milhares de homens, mulheres e crianças fossem sacrificadas como um tributo à estupidez humana.

O Legado de MacArthur:

Hoje em dia, é difícil para qualquer estrangeiro compreender o que significa o nome de Douglas MacArthur para os filipinos. Apesar de sua brilhante carreira e de despertar bastante admiração, MacArthur também recebe, até hoje, severas críticas e até condenações explícitas por parte dos historiadores. Mas não nas Filipinas. Aqui, ele é quase um Deus. Sua importância para esse país extrapola seus feitos tangíveis e ocupa espaço no emocional e até no espiritual do povo.

MacArthur já era visto como um herói nas Filipinas muito antes de Pearl Harbor. Seu pai, o General Arthur MacArthur, havia comandado as

tropas americanas e filipinas na luta para expulsar os espanhóis das Filipinas, durante a Guerra Hispano-Americana. Ao fim dessa guerra, as Filipinas passaram a ser possessão americana e o General Arthur MacArthur tornou-se o seu primeiro Governador Militar. Desde o início, a administração MacArthur demonstrou grande compreensão pelos problemas e particularidades do povo filipino, mentalidade essa que se perpetuou através das gestões seguintes e que criou um relacionamento metrópole-colônia único no mundo. A tal ponto esse sentimento foi enraizado no povo filipino que, ao contrário das colônias européias no Sudeste Asiático, a população local formou grupos guerrilheiros e cooperou com os americanos contra os japoneses.

Após a partida de MacArthur, em 1942, apenas a sua promessa de voltar alimentava a esperança do povo filipino durante os anos da brutal ocupação japonesa. E quando ele voltou, o impacto disso foi incomensurável para o povo filipino. Na realidade ou no imaginário da população, MacArthur – e, portanto, os EUA – havia cumprido a promessa, demonstrando ser digno da fidelidade e confiança do povo filipino.

Em 1946, as Filipinas obtiveram a independência dos EUA. O novo Congresso filipino logo promulgou dois decretos bastante singulares: o primeiro declarava MacArthur cidadão filipino honorário. O segundo era uma homenagem sem paralelo: a partir de então e perpetuamente, toda vez que houvesse uma chamada no Exército filipino, o nome “MacArthur” seria chamado em primeiro lugar e o oficial não-comissionado mais antigo responderia: “Presente em Espírito!”

Em um tributo a MacArthur, o Comissário das Filipinas nos EUA, Carlos Rômulo, após a rendição do Japão, expressou o sentimento dos filipinos pelo General: “Para a América, ele é um herói estrategista que levou as Estrelas e Listras a uma posição de orgulho no Extremo Oriente. Para nós, nas Filipinas, ele é a América.”

Medalhas e selos foram feitos com a efígie de MacArthur com a inscrição: “Defensor-Libertador”. Hoje há um Parque Memorial em Leyte, com estátuas de MacArthur, Presidente Osmena, General Sutherland (Chefe do Estado-Maior de MacArthur) e outras figuras proeminentes, numa réplica do histórico desembarque.

Atualmente, tais sentimentos são totalmente anacrônicos. Para boa parte da população mundial, os EUA passam a imagem de uma nação arrogante e inescrupulosa, que visa única e exclusivamente a seus próprios interesses, insensível à óbvia necessidade de mudanças para salvar o planeta, sem se importar com as conseqüências disso. Tais atitudes levaram a desastres como o Vietnã e o Iraque e contribuíram para o 11 de setembro. Mas, o que não se pode deixar de ter em mente é que os Estados Unidos não são uma

pessoa, são um país. E países atendem a imperativos ditados por fatores econômicos, políticos e sociais. O mesmo país que há menos de um século era louvado como libertador, hoje é execrado como explorador. Isso nos leva a concluir que não existem países bons ou maus, mas, apenas, interesses e circunstâncias.



Monumento ao desembarque de Mac Arthur em Leyte.

Todavia, muitas vezes, a ação de um único homem pode pesar. A determinação de MacArthur em libertar as Filipinas, contra a opinião dos assessores diretos do Presidente Roosevelt, afetou toda a situação no Extremo Oriente e mudou o curso da História.

Em última análise, a diferença entre os EUA de 1945 e os EUA de 2007 é a falta de homens do quilate de um MacArthur. Homens com uma compreensão universal, como a demonstrada mais tarde, durante a ocupação do Japão, e não voltadas exclusivamente para os próprios e imediatos interesses.

Pensando bem, esse tipo de homem anda fazendo falta em muitos países...